

Narrativas de Vida e o seu uso pela Psicossociologia (Narrativas de vida e Psicossociologia)

Life Narratives and its use by Psychosociology (Life narratives and Psychosociology)

Carolina Rodrigues Alves Souza (UFF) ¹

Teresa Cristina Othenio Cordeiro Carreteiro (UFF) ²

Resumo: Este artigo tem por escopo apontar a que se propõe o uso das narrativas de vida enquanto um dos métodos de pesquisa e intervenção da psicossociologia. A fim de fazê-lo, apresentará tal abordagem a partir de diversos autores que seguem a tradição da psicossociologia francesa, bem como lançará mão do método clínico qualitativo para pensar acerca das ferramentas disponíveis e dos usos que se fazem delas. Ao fazer vislumbrar o caráter de pesquisa e de intervenção das narrativas de vida, indica seu poder de provocar a compreensão pelos sujeitos da pesquisa acerca de sua história individual e coletiva e, quiçá de produzir a reconstrução de sentidos e de sua memória, reposicionando-os. Discute ainda a implicação dos atores, especialmente do investigador, colocando em questão de onde parte a demanda e como ela pode ser manejada para abarcar um mal-estar que ultrapasse os indivíduos e a pessoa do pesquisador.

Palavras-chave: Psicossociologia, Narrativas de Vida, Implicação.

Abstract: This paper intends to point out the purposes in using life narratives as one of the research's and intervention's method of psychosociology. In order to do it, this approach will be presented from the reference of various authors who follow french psychosociology's tradition in research, as well as it will betake the clinic-qualitative method to think about the tools available and its uses. Doing so, this method will be able to reconstruct the senses and the memories of the speakers, stimulating them to create a new comprehension about their individual and collective history, repositioning them according to it, besides pointing out life narratives' double characteristic of research and intervention. This paper also discusses about the participants' implication, especially the investigator's, questioning about the demand's origin as well as its management in order to deal with a malaise which exceeds the individuals and the researcher himself.

Keywords: Psychosociology, Life Narratives, Implication.

¹ Doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense. E-mail: carolinarodriguesalves@gmail.com

² Doutora em Psicologia Social Clínica pela Université Paris Diderot. Professora titular do Programa de Pós-Graduação de Psicologia da Universidade Federal Fluminense. Bolsista de Produtividade em Pesquisa CNPq.

Introdução

A psicossociologia francesa, ao lançar seu olhar para as dimensões subjetiva e social nos vínculos que se estabelecem entre as pessoas, sejam em nível organizacional, institucional, familiar ou social, não perde de vista os aspectos singulares e inconscientes, além de assumir a presença implicada do pesquisador no campo e de vislumbrar suas possibilidades de produzir efeitos neste e deste lugar.

O uso das narrativas de vida como método clínico de escuta e intervenção é uma das ferramentas possíveis da psicossociologia. A princípio, indicamos o que parece óbvio: tal método se sustenta em fazer falar, em interpelar o seu interlocutor a rememorar e contar algo sobre a sua história. Quer este seja um sujeito ou um grupo, tal perspectiva se faz sensível à sua singularidade e à sua imersão político-social e institucional.

O trabalho que segue pretende mostrar, dentro da perspectiva teórico-metodológica da psicossociologia e da pesquisa clínica qualitativa, onde se colocam as narrativas de vida enquanto método de pesquisa (e intervenção) e como o seu uso pode, além de interpelar o sujeito a se apresentar, também fazê-lo reconstituir sua história, se apropriando dela e talvez até produzindo uma nova história.

Tal perspectiva acredita, assim, que resgatar memórias faz com que elas sejam reconstituídas, reelaboradas diante dos novos sentidos que se lhe lançam. Contar sua história, tal qual nos mostra a experiência analítica, faz advir o sujeito, por vezes encoberto pelas máscaras do cotidiano.

Este trabalho ressalta ainda o lugar do pesquisador/interventor que, tal qual o clínico, está sempre às voltas com sua implicação pessoal na questão que investiga e precisa se colocar em análise, compreendendo qual é a sua demanda e a do sujeito que lhe conta sua história, e ainda como se constitui o campo que lhe circunscreve.

Narrativas de vida

A psicossociologia, enquanto ramo da psicologia que se ocupa de sujeitos, grupos, organizações no seu cotidiano, tem como abordagem teórica e metodológica a análise e intervenção de seus objetos a partir de uma dimensão clínica. O método clínico está a serviço da ação: a clínica apropriada enquanto método de pesquisa-ação e intervenção se interessa pela interpretação que os atores vão dar às questões levantadas, em detrimento de supostos dados que poderão ser encontrados. Para além de oposições

entre cura e cuidado, o sentido da clínica se dá em termos da atenção que se lança ao sujeito que é escutado (Sevigny, 1993). Assim, o olhar clínico buscará compreender os processos nos quais a experiência social faz sentido para o sujeito individual e coletivo.

A perspectiva das narrativas de vida, aqui considerada como um dos métodos utilizáveis pela psicossociologia, busca analisar as interações existentes entre os aspectos subjetivos, familiares, sociais e históricos (Pinto, Carreteiro & Rodriguez, 2015), destacando as contradições, os conflitos e os pontos de articulação entre várias dimensões que a atravessam. Buscando suporte na articulação de disciplinas como a sociologia e a psicanálise, a perspectiva das narrativas de vida, ao fazer falar e ao oferecer uma escuta ao que se conta, pode proporcionar ao narrador a ressignificação de sua história através das lembranças e das fantasias que fazem parte da construção de seu relato, possibilitando, em muitos casos, a produção de uma história reconstruída e talvez da produção de outro projeto de vida à medida que compreende sua realidade subjetiva e coletiva atual.

A concepção adotada por Vincent de Gaulejac, que vai despontar no método de Romance Familiar e Trajetórias Sociais, além de articular a sociologia e a psicanálise, se apropria ainda da perspectiva existencialista sartriana, e entende o conceito de identificação no cruzamento desses três pontos de vista: na relação do indivíduo com seu inconsciente, acentuando o papel do desejo e da angústia, em sua relação com o meio social, compreendendo o indivíduo como uma espécie de encarnação dele, e com a construção que ele faz de sua individualidade (Gaulejac, 2006).

Tratar das narrativas de vida é também tratar da apropriação que cada sujeito faz de sua história pessoal e coletiva e de suas possibilidades de enunciação dela. O atravessamento que faz o inconsciente em sua formulação faz perpassar também nas histórias sociais e institucionais o desejo de cada sujeito, inevitavelmente ligado àquelas histórias, sem se limitar ao nível individual e subjetivo, mas abrangendo o olhar para uma perspectiva social e política que lhe é parte inseparável.

Não entendemos que ela deva se referir necessariamente à vida do sujeito como um todo. Enquanto método, o recorte deverá estar vinculado à demanda que é feita e/ou à circunscrição produzida na pesquisa. Assim, o interesse da investigação poderá se voltar para uma dimensão da vida do sujeito, como, por exemplo, a narrativa laboral (cf. Pinto et al., 2015) ou uma narrativa amorosa, habitacional, dentre outras.

Sobre isso, Carreteiro (2003, p.5) nos esclarece que “(...) a história de vida, ao mesmo tempo em que contempla a história de um grupo social, faz também apelo à

história de um indivíduo ou de indivíduos em sua singularidade”. Neste mesmo sentido argumenta Gaulejac (2005, pp. 11-12):

Los relatos de vida no expresan solamente historias singulares. Ellos son igualmente historias de familia, historias de clases sociales, historias de pueblos y de ciudades, historias multiculturales, así como de miradas sobre la sociedad que conducen a la relación con el dinero, con el amor, con los ideales, con el trabajo, etc.²

Tal método não se pretende terapêutico, no sentido de se propor a dar conta de um sofrimento psíquico ou social. O que se apreende, a partir desse autor, é que ao falar sobre si, sobre sua história e, assim, sobre sua história familiar e social, há um reposicionamento do sujeito sobre ela, ao conseguir reorganizar os sentidos anteriores dessas mesmas histórias. Ele afirma: “Hablando de ‘su’ historia, el individuo la (re) descubre. Es decir que hace un trabajo sobre él mismo que modifica su relación con esa historia”³ (Gaulejac, 2005, p. 30). Adiante, completa o argumento indicando que o método “se trata más de un trabajo de formación personal que incrementa la función de la historicidad de los individuos, es decir su capacidad de intervenir lúcidamente sobre su propia historia.”⁴ (Gaulejac, 2005, p.60).

A narrativa não é, portanto, simples rememoração. Visto o caráter dinâmico da memória, melhor pensá-la como uma reconstrução (Freud, 1914/2010). Ao recontar uma história colocando-a em palavras, não se trata apenas da lembrança de vivências anteriores, mas, tão ou mais importante, é o esquecimento de outras tantas. Evidente é a impossibilidade de resgatar todas as memórias, e fazê-lo certamente não é desejável, pois o passado possui também uma face mortífera cuja presença (e repetição) pode obscurecer as possibilidades de futuro (Enriquez, 2003).

Busca por sentido e possibilidades de simbolização

Impossível falar de narrativas e ignorar a contribuição de Walter Benjamin nas reflexões sobre esta prática. Em um de seus textos mais lidos e citados denominado “O

² Os relatos de vida não expressam somente histórias singulares. Elas são igualmente histórias de família, histórias de classes sociais, histórias de povos e cidades, histórias multiculturais, assim como expressam os olhares lançados sobre a sociedade, sobre como conduzem a relação com o dinheiro, com o amor, com os ideais, com o trabalho, etc. (tradução livre).

³ Falando de ‘sua’ história, o indivíduo se (re) descobre. Ou seja, faz um trabalho sobre ele mesmo que modifica sua relação com essa história. (Tradução livre).

⁴ Trata-se mais de um trabalho de formação pessoal que incrementa a função de historicidade dos indivíduos, ou melhor dizendo, sua capacidade de intervir lucidamente sobre sua própria história. (Tradução livre)

narrador”, afirma que “a arte de narrar está em vias de extinção” (Benjamin, 1936/1994, p.197) e com isso defende a tese de que as pessoas têm tido cada vez maiores dificuldades em narrar suas histórias e que a faculdade de intercambiar experiências tem se perdido. Imediatamente após essas indicações, fala sobre os soldados que retornavam da guerra e de sua incomunicabilidade acerca da experiência vivida; os anos seguintes, inundados por escritos sobre os horrores da guerra, conquanto tentassem tratar do que não pudera ser dito, permanecia sem narração pois, segundo o autor, essas talvez fossem tentativas de interpretação, de denúncia, de disponibilizar informações sobre aquilo que ficara perdido nas trincheiras já desconstituídas, mas não eram narrativas (Benjamin, 1936/1994).

Quanto à mudez produzida pela violência da Guerra, Freud também tratou efusivamente em seus escritos desde o final da primeira metade do século XX, quando os efeitos mortíferos das guerras que assolavam a Europa lhe cobravam reformular sua teoria pulsional, fazendo despontar os conceitos de compulsão à repetição (Freud, 1920/2010 e 1930/2010) e a última dualidade pulsional: as pulsões de vida e as pulsões de morte (Freud, 1930/2010). Freud passou a entender que além dos impulsos sexuais (cujo recalque trazia implicações para a constituição dos sujeitos), havia impulsos agressivos, violentos e destrutivos. A guerra, ao dar vazão a eles, fazia explodir uma intensidade afetiva (traumática) que tornava impossível colocá-la em palavras (Freud, 1920/2010).

O que tem acontecido então com nossa capacidade de simbolização? Como a dimensão imaginária têm-se apresentado diante da incidência de um Real inenarrável? Vincent de Gaulejac, em outro livro de sua extensa obra, “Capitalisme paradoxant”, discute a sociedade hipermoderna (que ultrapassa as caracterizações das sociedades modernas e contemporâneas e parecem obedecer a uma lógica *managerial*⁵ que lhe traz outras especificidades) e nos fala de uma sociedade que produz paradoxos contínuos, injunções contraditórias que não podem ser compreendidas ou atendidas sem ignorar algo da ordem do simbólico (Gaulejac & Hanique, 2015). O argumento do autor, quanto à perda de sentido e as falhas de simbolização impostas por essa nova lógica hipermoderna, é de que elas são o resultado de um mundo dominado por exigências

⁵ O livro, sem tradução em português, transforma um vocábulo que está originalmente em inglês no termo posto, em francês, e que traz consigo a referência a uma sociedade submetida às lógicas do mercado e da administração. Por entendermos que o autor manteve o radical original em prol do resgate do termo e de sua não tradutibilidade, fazemos como ele e mantemos a palavra com seu radical advindo da língua inglesa.

permanentes de racionalização, de objetividade e de superação de si. (Gaulejac & Hanique, 2015).

Para este mesmo caminho apontam os escritos de Enriquez (2003) nos quais ele se questiona a respeito das implicações e das potencialidades do uso das narrativas de vida enquanto método de investigação e de intervenção. Argumenta, a princípio, que, ao falar, o narrador já se alheia de si mesmo, se deparando com o que Freud indicara, em 1919, como o *umheimlich*⁶ na busca do *heimlich*. Ao apresentar as características e as produções possíveis da narrativa, uma nos detém: indica o autor que é preciso não ceder à tentação de transformar o relato num romance, pois isto implicaria em escolher pelo fechamento da palavra, e não por sua abertura:

El autor del relato, además, no es un profesional que pudiera escribir o decir en voz alta una novela tras otra; no es más que un modesto artesano en sus comienzos, que trata de ensamblar elementos heteróclitos utilizando un saber espontáneo y sin poder decir, al principio, si será capaz de hacerlo. Por su modestia, su humildad, incluso su turbación, puede convertirse en el poeta de su vida (y la poesía, al contrario de la novela, es ininterrompida). (Enriquez, 2003, p.38)⁷

No texto “O Escritor e a Fantasia”, Freud (1908/2010) compara o criador literário com a criança que brinca. Como ela, aquele constrói para si um mundo próprio, arranjando-o em uma nova ordem, partindo de um trabalho psíquico que obedece a três tempos: ao partir de uma impressão atual, retrocede a uma vivência anterior e cria uma situação para o futuro como realização de um desejo (Freud, 1908/2010). O devaneio também se aproxima desse trabalho psíquico em três tempos (Freud, 1909/2010). Podemos supor, facilmente, que entre o devaneio e a criação literária propriamente dita resta a narrativa, o relato sobre a vida, a memória e a morte.

Ao se referir ao processo de oposição entre gerações, Freud explica que a constituição subjetiva da criança se sustenta na desconstrução da imagem ideal dos pais,

⁶ Traduzido como “estranho” nas Edições Standard e como “inquietante” pela Cia das Letras, o *unheimlich* é trazido no texto freudiano como aquilo que, fazendo parte do sujeito cindido, é-lhe familiar (*heimlich*), causando estranheza e inquietação por se tratar de uma dimensão inconsciente há muito recalçada que retorna causando mal-estar (Freud, 1919/2010).

⁷ O autor do relato, ademais, não é um profissional que poderia escrever ou dizer em voz alta um romance atrás do outro; não é mais que um modesto artesão em seus primórdios, que trata de combinar elementos heteróclitos utilizando um saber espontâneo sem poder dizer, a princípio, se será capaz de fazê-lo. Por sua modéstia, sua humildade, inclusive por seu embaraço, pode converter-se no poeta de sua vida (a poesia, ao contrário do romance, é ininterrupta). (tradução livre).

buscando suporte num romance familiar produzido inconscientemente pela criança (Freud, 1909/2010). O romance, aqui, é uma composição que vai ser tomada como base na construção de si realizada pelo sujeito, referenciada ainda pelas dimensões sociais e históricas que o rodeiam. Sua história de vida, no entanto, não se detém a esse romance, mas parte dele em ramificações diversas, engendrando a complexidade que é o sujeito. Assim entendemos também ser o uso que Gaulejac (2006) faz de seu método de intervenção e investigação, ao contribuir com o reencontro do sujeito com o seu romance familiar, reconstituindo sua árvore genealógica, sua história pessoal, social e familiar.

O narrador interpelado a falar sobre si, sobre sua história, bem como o escritor descrito por Freud, faz assim cindir seu Eu em múltiplos outros Eus, ao “(...) personificar em vários heróis as correntes conflitantes de sua vida psíquica.” (Freud, 1908/2010, p.335) e “(...) na técnica de superar aquele sentimento de choque, que indubitavelmente está ligado às barreiras que separam cada Eu e os demais, é que se acha propriamente a *ars poetica*.” (Freud, 1908/2010, p.338).

A escolha desse método acredita, portanto, no uso da narrativa enquanto mediação, seja entre indivíduo e sociedade, enquanto dispositivo de interlocução, seja em relação à articulação de fragmentos, entendendo-os como histórias que por não terem sido ainda narradas, carecem de mediação simbólica (Azevedo, 2013, p. 148). Acredita na possibilidade de novas elaborações e na construção de outras formas de ser e de viver.

Resgatemos o recorte laboral apontado por Gaulejac e Hanique (2015) como referência: fazer uso das narrativas teria por propósito maior o resgate de sujeitos que, muitas vezes resignados, defensivos e em sofrimento em sua atividade, vão ser convocados a falar sobre si, interpelados a contar sua história ao ocupar aquele lugar e aquele papel, e quiçá produzir uma outra, reposicionando-se em relação a si mesmo, às suas memórias, às suas práticas, às instituições e à política que o cercam.

Os profissionais, submetidos às exigências organizacionais de produtividade, criatividade e excelência (tais exigências não se restringem ao espaço institucional mas inundam a sociedade como um todo), ficam impedidos de pensar ao funcionarem sob a ditadura da urgência e ao imperativo do fazer – e fazer bem feito: “entre imaginaire et réalité, la dimension symbolique tend à se réduire à un langage chiffré et prescriptif.”⁸

⁸ Entre imaginário e realidade, a dimensão simbólica tende a se reduzir a uma linguagem criptografada e prescritiva (Tradução livre).

(Gaulejac & Hanique, 2015, p.179). Quais são, então, as suas/nossas possibilidades narrativas?

O sujeito submetido a tal sofrimento social está marcado pela invisibilidade, já que este geralmente permanece circunscrito ao interior das subjetividades, raramente encontrando possibilidades de ser compartilhado coletivamente (Carreteiro, 2003). Todos os efeitos advindos de um enfrentamento dessa lógica, o sofrimento psíquico, o adoecimento, a resignação ou a resistência, posicionam-no tal qual o sujeito que é, e é do seu lugar de sujeito que a busca por sentido se torna inevitável (Gaulejac & Hanique, 2015).

Assim é que acreditamos que, no trabalho com as narrativas, ao fazer falar sobre seu sofrimento (ou sobre sua experiência, de forma geral) e representá-los simbolicamente, algo da ordem da ressignificação se produz. Mais do que isso, Dutra (2002) aponta como a narrativa contempla a experiência do narrador, a ser amalgamada pelo ouvinte que, ao relatá-la por seu turno, torna-se também um narrador que compartilha suas experiências, provocando no seu ouvinte (ou no seu leitor) novos efeitos e estados emocionais, fazendo-os assimilá-las a sua própria experiência.

O que colocamos em questão, portanto, é se podemos falar de uma narratividade que produza um desejo de saber mais, uma reminiscência, que faça querer recontar essas histórias – repletas de atravessamentos sociais, históricos, econômicos, institucionais, que tragam à tona as experiências nelas postas. Retomemos Benjamin ao contrapor sua concepção de narrativa à de informação, tão recorrente em nosso mundo:

A informação só tem valor no momento em que é nova. Ela só vive nesse momento, precisa entregar-se inteiramente a ele e sem perda de tempo tem que se explicar nele. Muito diferente é a narrativa. Ela não se entrega. Ela conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver. (Benjamin, 1946/1994, p. 204).

Implicação pessoal: de onde parte a demanda?

Como já indicamos anteriormente, as narrativas de vida se posicionam como um método de investigação clínico, o que nos leva a supor que o pesquisador – tal qual o clínico que acolhe o sujeito que lhe fala – está envolvido com o campo que o circunscreve.

Ao tomar a dimensão inconsciente do social e ao pressupor a existência de uma cadeia que articule as dimensões subjetivas, relacionais, familiares e sociais, esta perspectiva metodológica se apropria de um dispositivo pedagógico capaz de favorecer a implicação pessoal de cada um dos participantes, bem como da emergência e da reescrita das histórias pessoais na medida em que elas ressoem na história coletiva do seu grupo, quando o pertencimento a uma história singular se vê produzida nas outras histórias e numa história mais ampla, coletiva e social (Gaulejac, 2005).

A origem apontada na clínica é relevante para destacar a atenção à singularidade e à especificidade do processo e dos resultados de uma pesquisa que se sustente neste método. É a partir disso que podemos ressaltar nosso interesse na compreensão daquilo que nos propomos investigar, prezando pelo aprofundamento do que ele suscita no caso-a-caso, tomado em seu contexto espaço-temporal: ao contrário de uma intenção generalizante que busque alçar a pesquisa a uma dimensão universal, o que o método clínico qualitativo busca é encontrar no aprofundamento do que é peculiar ao sujeito escutado a compreensão de um fenômeno que, este sim pode ser geral e que mantém pontos de contato entre as diversas e singulares histórias contadas (Turato, 2003).

Em face a essa busca, é mister ainda apontar que a conhecida disputa entre a psicologia e a sociologia, que engendrou na pesquisa social a dicotomia equivocada entre o individual e social, aqui se desfaz. A proposta metodológica que tomaremos de Gaulejac (2006) promove essa articulação, trazendo uma discussão dialética entre campos até então rivais, sejam o individual e o social, o coletivo e o subjetivo, e aponta para a indissociabilidade entre seus saberes, indicando a sua articulação como imprescindível aos propósitos clínicos do método das narrativas de vida, já ele se propõe a percorrer – senão reconstituir – uma cadeia que vai desde os conflitos psíquicos aos relacionais, passando pelos intra-familiares, apontando para os conflitos sociais e compreendendo a história individual como socialmente determinada e determinante, no sentido de que cada sujeito é, além de produto, produtor da história coletiva do seu povo (Gaulejac, 2006).

Faz parte da proposta ética e metodológica do pesquisador que toma por referência a psicossociologia, a de que seu trabalho de investigação e de intervenção seja costurado e atravessado por questões referentes à sua própria implicação no desenvolvimento do trabalho como um todo, desde a sistematização da literatura ao planejamento e entrada no campo, bem como na análise das observações feitas ali.

Nessa esteira, Barus-Michel (1986) no texto “Le chercheur, premier objet de la recherche” (O pesquisador, primeiro objeto da pesquisa) afirma que na pesquisa clínica o recurso ao método permite que surjam os efeitos transferenciais entre as partes, integrando o investigador nas dimensões do seu objeto. Ao se apoiar na tragédia edipiana, a autora aponta que, tal qual o próprio Édipo, o pesquisador investiga suas origens, passando, por isso, por questionamentos acerca de sua natureza (quem é) e de seu destino (para onde vai, que percurso pretende trilhar). O rigor científico está justamente na análise de sua própria demanda e no exame de sua contratransferência e de seu recalque: “Tout chercheur aspire à se crer dans sa recherche. Celle-ci est un rêve narcissique imposé aux autres et qui s’authentifie dans l’approbation scientifique.”⁹ (Barus-Michel, 1986, p.803).

Com a contribuição do *Tratado da Metodologia da Pesquisa Clínico-Qualitativa*, é preciso apontar a diferença entre o que chamamos em uma pesquisa de *viés* e de *implicação* do pesquisador. Embora ambos sejam fatores inevitáveis e, por isso mesmo, caiba ao pesquisador explicitá-los sempre, há uma grande diferença: ao passo que o viés tem o poder de distorcer o objeto investigado, geralmente devido a predileções ou sentimentos inconscientes do pesquisador ou devido a condicionamentos externos, ambientais, ideológicos, dentre outros (Turato, 2003), a implicação diz respeito ao que move o investigador, ao seu desejo em produzir algo naquele campo, em compreender uma determinada dinâmica e intervir nela.

Levar em conta a presença inevitável da implicação do pesquisador faz com que ele não esteja alheio aos efeitos que sua presença vai provocar no campo e entre seus sujeitos de pesquisa. Seigny aponta algumas questões que o investigador deve se fazer: “(...) jusqu’à quel point dois-je m’impliquer personnellement dans cette recherche? Est-ce que je m’identifie assez aux acteurs pour les comprendre et est-ce que je m’en démarque assez pour ne pas prendre en compte leur seul point de vue? (...)”¹⁰ (Seigny, 1993, pp. 21-22). Ele aponta, destarte, quão importante é para o pesquisador ter uma distância suficiente de sua pesquisa. Na mesma linha, Sá (2013) indica que é preciso prevenir as distorções advindas da cegueira produzida pelos processos de identificação (ou pela negação deles), impondo ao pesquisador e/ou clínico a se colocar em questão, e

⁹ Todo pesquisador aspira a se criar na pesquisa. Este é um sonho narcísico imposto aos outros e que é autenticado pela aprovação científica. (Tradução livre)

¹⁰ “(...) até que ponto devo me implicar pessoalmente nessa pesquisa? Será que me identifico o suficiente com os atores a fim de lhes compreender e será que me distancio o suficiente para levar em conta não apenas o ponto de vista deles? (...) – tradução livre.

para tal, deve fazer tanto a análise de sua implicação quanto a análise da demanda (Sá, 2013).

A noção de demanda se assemelha à concepção de encomenda, o que marca uma relação de poder: quem deseja esses resultados? Quem, mais ainda, quer esse encontro intersubjetivo que se dá entre pesquisador e sujeito? Em muitas pesquisas, a princípio quem demanda é o pesquisador, mobilizado por sua curiosidade e por sua inquietação (Sá, 2013), mas é importante que haja um sentimento de mal-estar ou sofrimento aonde quer que se enderece a intervenção. É preciso existir no campo em que se intervém “(...) um desejo de mudança e pode se traduzir de várias maneiras: projetos, crises, planejamentos e reestruturações diversas” (Pinto et. al., 2015, p. 950) .

A função atribuída ao pesquisador clínico de fazer falar e fazer relatar a história do e pelo sujeito interpelado se estrutura a partir de uma espécie de filtro que consiste nas intenções de quem investiga, respondendo, portanto, a uma demanda deste que irá, ao fim, reescrever as verdades portadas por esses relatos (Azevedo, 2013). O rigor do uso metodológico que se faz aqui, entretanto, está na capacidade de acolher o que é relatado, por mais que irrompa o indesejável, o que causa estranhamento (Barus-Michel, 1986).

Interessa-nos, portanto, apontar como na pesquisa clínica a análise da demanda coincide com a análise da implicação, pois exigem do pesquisador que “esteja ‘esclarecido’ sobre os próprios pressupostos cognitivos, ideológicos, de que dê sentido às próprias projeções e movimentos contratransferenciais, reconhecendo-se simultaneamente o peso dos processos econômicos, culturais, técnicos, etc.” (Sá, 2013, p. 186). Só assim, aliás, tal qual um clínico, estará ele disponível ao inesperado (Souza & Coelho, 2012) e poderá tomar parte na construção de sentido que se dá ao longo da narrativa escutada, para além das elaborações teóricas e das referências prévias.

A posição do investigador tem, entretanto, algo de ambígua. Envolvido de corpo e alma, busca descobrir-se a si mesmo, mas está destinado ao sacrifício, já que ele deve se reconhecer justamente para se apagar, permitindo que os outros sujeitos sejam reconhecidos e se reconheçam nesse processo (Barus-Michel, 1986). E não é apenas o pesquisador que está implicado com o campo, pois o estão também os atores ali envolvidos. É preciso, então, se questionar: qual a ideia que os últimos fazem do primeiro? O que a presença deste produz narrativamente? Para alcançar alguma luz, o pesquisador precisa estar atento a outras dinâmicas que extrapolam a escuta prescrita

pelo método adotado, tentando antecipar as possíveis resistências relativas às respostas que conseguir dar a essas e outras questões (Turato, 2003).

Entram em jogo, portanto, as dimensões transferenciais e contratransferenciais dessa relação. Seja no trabalho com grupos, em instituições ou nas entrevistas individuais, tais processos estão passíveis de acontecer e precisam ser manejados pelo pesquisador, do lugar de clínico que põe em análise o que faz falar e o que faz interromper a fala do sujeito, bem como o que lhe permite escutar ou não o que está sendo dito. A narratividade é efeito dessa relação e sua compreensão depende da interpretação dessas dimensões ao longo do contato que se estabelece entre pesquisador e pesquisados.

Considerações Finais

As narrativas de vida são, afinal, uma aposta. Aposta de que possa haver pesquisas que não produzam resultados apenas para a ciência, mas que tenham a força de provocar transformações sociais e subjetivas com sua intervenção. Aposta nas possibilidades de simbolização contemporâneas e cotidianas, de ressignificação da história que estrutura um sujeito e seu coletivo. É ainda uma aposta na indissociabilidade entre o individual, o social e o político, no fazer falar e na escuta que se oferece ao que é narrado, na rememoração e no ultrapassamento do indivíduo e de sua história pessoal.

As narrativas de vida vislumbram tanto a singularidade de cada história como a complexidade que elas comportam, compreendendo que os sujeitos trazem consigo a história de um povo, de um coletivo, de sua cultura e mesmo de sua ancestralidade. Desta forma, são os recortes definidos metodologicamente que vão permitir aceder a aspectos diferentes da vida de quem relata sua história. Ao nos referirmos a narrativas laborais, por exemplo, a investigação poderá incidir sobre as formas de gestão das instituições, sobre os níveis de exigência que recaem sobre o trabalhador/narrador, mas também vão dizer algo sobre os coletivos de trabalho, podendo articulá-los ainda com as transformações nos campos de trabalho e as formas de ressignificação dessas experiências.

Um tal método clínico e qualitativo não poderá jamais ignorar o fato de que tomam sujeitos como objetos de pesquisa e por isso o pesquisador precisará sempre assumir seu lugar implicado e se colocar em análise, concomitantemente à análise que faz dos relatos que ouve e das interpretações que realiza acerca da escuta que faz. As

narrativas de vida, ao propiciarem uma reformulação do vivido e da memória, ao colocarem em pauta os enfrentamentos a questões acerca da experiência, da vida e da morte, ao provocarem um reposicionamento subjetivo daquele que fala, fazem finalmente com que se reconstitua também o pesquisador, produzindo-o junto a seu campo de estudo.

Referências

- Azevedo, C. da S. (2013) A Abordagem de Narrativas de Vida como um Caminho de Pesquisa em Saúde. In Azevedo, C.S. & Sá, M.C.(Org.) *Subjetividade, Gestão e Cuidado em Saúde: Abordagens da Psicossociologia*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ.
- Barus-Michel, J. (1986). *Le Chercheur, premier objet de la recherche*. Paris, Laboratoire de Psychologie Clinique: Bulletin de Psychologie, Tome XXXIX, nº 377, pp. 801-804.
- Benjamin, W. (1936/1994) O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense.
- Carreteiro, T.C.O.C. (2003) *História de Vida: Da Genealogia a um Estudo*. Revista Psico Porto Alegre, v.34, 281-295.
- Carreteiro, T.C.O.C. & Mattar, C. (2003) *Percurso Biográfico, Percurso Social: Violência Conjugal em Análise*. Rio de Janeiro: Revista Psicologia Clínica, v. 15, n 2, pp. 49-66.
- Dutra, E. (2002). A narrativa como uma técnica de pesquisa fenomenológica. *Estudos de Psicologia*, 7(2), pp.371-378.
- Enriquez, E. (2003) *El relato de vida: interfaz entre intimidad y vida colectiva*. Distrito Federal del Mexico: Perfiles Latinoamericanos, n.21, pp.35-47.
- Freud, Sigmund (1908/2010). O Escritor e a Fantasia. *Obras completas*, vol. 8. Tradução de Paulo César de Souza. Rio de Janeiro: Companhia das Letras.
- Freud, Sigmund (1909/2010). O Romance familiar dos Neuróticos. *Obras completas*, vol. 8. Tradução de Paulo César de Souza. Rio de Janeiro: Companhia das Letras.
- Freud, Sigmund (1914/2010). Recordar, Repetir e Elaborar. *Obras completas*, vol. 10. Tradução de Paulo César de Souza. Rio de Janeiro: Companhia das Letras.

- Freud, Sigmund (1919/2010). O inquietante. *Obras completas*, vol. 14. Tradução de Paulo César de Souza. Rio de Janeiro: Companhia das Letras.
- Freud, Sigmund (1920/2010). Além do Princípio do Prazer. *Obras completas*, vol. 14. Tradução de Paulo César de Souza. Rio de Janeiro: Companhia das Letras.
- Freud, Sigmund (1930/2010). O mal-estar na civilização. *Obras completas*, vol. 18. Tradução de Paulo César de Souza. Rio de Janeiro: Companhia das Letras.
- Gaulejac, V. (2006). *As Origens da Vergonha*. São Paulo: Via Lettera.
- Gaulejac, V. de & Hanique, F. (2015) *Le Capitalisme Paradoxant: Un système que rend fou*. Paris: Le Seuil.
- Gaulejac, V., Marquez, S.R & Ruiz, E.T. (2005) *Historia de Vida: Psicoanálisis y Sociología Clínica*. México: Universidad Autónoma de Querétaro.
- Pinto, B.O.S.; Carreteiro, T.C.O.C.; Rodriguez, L.S. (2015) *Trabalhando no “entre”: a história de vida laboral como método de pesquisa em Psicossociologia*. Belo Horizonte: Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade, v.2, n.5, p.941-985.
- Sá, Marilene de Castilho (2013). Por uma Abordagem Clínica Psicossociológica de Pesquisa e Intervenção em Saúde Coletiva. In Azevedo, C.S. & Sá, M.C. (Org.) *Subjetividade, Gestão e Cuidado em Saúde: Abordagens da Psicossociologia*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ.
- Sevigny, R. (1993) L’approche clinique dans les sciences humaines. In Enriquez, E.; Houle, G.; Rhéaume, J. & Sevigny, R. (1993) L’analyse clinique dans les sciences humaines. Québec: Éditions San-Martin, pp.13-28.
- Souza, C.R.A. & Coelho, D.M. (2012) *O neutro em psicanálise: da técnica à ética*. Fractal: Revista de Psicologia, vol.24, nº1, pp.95-110.
- Turato, E.R. (2003). *Tratado da Metodologia da Pesquisa Clínico-Qualitativa*. Petrópolis: Vozes.

Submetido em 2016-02-02

Aceito em 2016-08-03